

LUÍS CHAVES

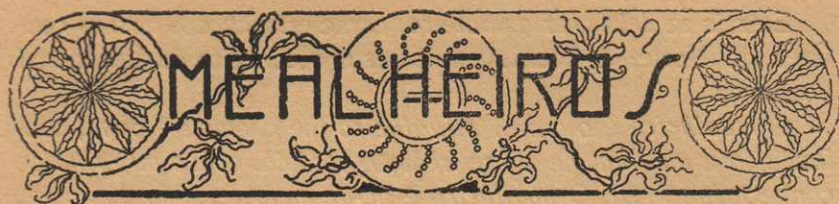
MEALHEIROS

COM ILUSTRAÇÕES
DE
SAAVEDRA MACHADO



SEPARATA DO N.º 22
DA
ATLANTIDA

MEENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL



(Com ilustrações que Saavedra Machado fez)

No poupar é que vai o ganho, — reza o nosso anexam, como Avê-Maria de economias caseiras.

Quantas vezes os *boni-homines*, impados no brio da sua magistratura e das regalias demóticas, houvessem clamado essa máxima de administração doméstica, — ou quantas a tivessem elevado aos ouvidos hieráticos de El-Rei os procuradores às Côrtes Gerais, — pode-se lá saber! Certo porêem a voz rude e forte do povo a lembrou e impôs por norma. Que ela é velha como a necessidade da poupança, como os pobres do regime do ganha-e-gasta, como o povo dos *malados*, irmãos falecidos dos nossos *malteses*.

Ainda hoje a economia é, e será, a riqueza do pobre. Trabalha; padece; leva, como um Cristo, a vida ao sacrificio do seu Calvário; e, do ganho da fêria ou do negócio vencido, guarda as magras economias que lhe escôa. Um dia um filho a nascer, uma promessa no altar da Virgem, um fatinho de ver a Deus e ir à cidade, — são, nas rubricas orçamentais dêle, as previsões do dinheiro arrecadado no *pé-de-meia* ao cantinho da arca do *fato* e da *copa*, e no *mealheiro* ou *migalheiro*.

Diz uma cantiga de Vila Rial, da minha cavaleira província de Trá-los-Montes⁽¹⁾:

Tenho cinco-réis de meus,
guardados há tanto tempo;
para mercar de sardinhas,
no dia do meu casamento.

⁽¹⁾ Antonio Gomes Pereira, «Tradições populares e linguagem de Villa Real», in *Revista Lusitana*, vol. IX, pag. 252 (n.º 188).

Extraia-se dela o ar galhofeiro, característico dos nossos cantares do Norte, e ficará bem à vista o conceito da tradicional poupança.

O *mealheiro* é o cofre. *Migalheiro* lhe chamou o povo, confundindo a *mealha*, de nobre tradição perdida, com a *migalha* de conhecimento seu. O *mealheiro* é *pé-de-meia*, esmola do pobre, dinheiro de Deus. Ovário de moedas, de que se entranha, cabem-lhe os dois versos do poeta da Tradição, António Sardinha⁽¹⁾:

Ricas receitas as tuas,
receitas como nenhuma.

Esmola de mendigos, foi para eles o receptáculo das dádivas. Na província se encontrava ainda, e não há muito tempo, nas mãos dos que esmolavam. Em Lisboa, usam os cegos caixas mealheiras. Usam-se em Itália⁽²⁾.

Dinheiro de Deus, vêde nos templos, pelas paredes, visíveis uns, ocultos outros, ou nas mãos de sacristães, *mealheiros* com inscrições e pinturas para a *mealha* religiosa, oferenda dos fiéis.

* * *

Bluteau, no *Vocabulario*, define o *mealheiro*.

«He a modo de alcanzia com huma abertura estreita, por «onde se metem as esmolas em algũs tribunaes donde se distribue o dinheiro». E noutra acepção, que é a correspondente, em especial, a êste estudo: «o dinheiro que tem junto em algum «lugar particular», como sinónimo de *peculium*⁽³⁾.

Mas *alcanzia* que é? Responda o mesmo padre-mestre: «bola «de barro sêco ao sol, do tamanho de laranja; enchese de cinzas, ou de flores, & com ella se faz tiro em jogo de cavallo, & «dando no cavalleiro se quebra⁽⁴⁾». É a forma do *mealheiro* o que melhor chama a atenção: uma bola.

«De ser metade do *Dinheiro* se disse *Mealha*, de *Mealha* se disse *Mealheiro*», precisa em termos Viterbo⁽⁵⁾.

Em Trá-los-Montes, pelo menos, se chama *pêto* ao *mea-*

(1) Ant.º Sardinha, *A epopeia da planície*, 1915, p. 196, «O louvor da casa».

(2) Rich, *Diction. des Antiquités Romaines et Grecques*, s. v. «cista».

(3) Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «mealheiro».

(4) Id. *op. cit.*, id.

(5) Viterbo, *Elucidario*, s. v. «mealheiro».

lheiro. Faria, no Dicionário, dá ao adjectivo *pêto* a significação de «vesgo», correspondente ao vocábulo popular «zarolho». Ora, sendo o *mealheiro* rasgado superiormente com um traço único, para meter as moedas, e raro oblíquo, quási sempre horizontal, arqueado pelo bôjo, parecerá na «bola», que é o *mealheiro*, o ôlho «vesgo» da cara dessa cabeça *pêta*.

Já não é nosso exclusivo o uso, nem a invenção do *mealheiro*. E se as formas pre-portuguesas diferem, e em parte as italianas, não tenho informações precisas das actuais de outros povos, nem isso tanto importa.

*
* *

Os Romanos tiveram *mealheiros*, recipientes monetários, portáteis, — *loculi*. Eram de madeira, de barro, ou de marfim. Tal qual os nossos, os *mealheiros* romanos de barro, para se reaver as economias, era necessário abri-los, partindo-os (*escacando-os*).

A forma, que mais se vulgarizava, era de um corpo cilíndrico, encimado de um chapéu cónico de vértice arredondado. A parte cilíndrica adornavam-na de figuras pintadas⁽¹⁾; em um de que fala Séraux d'Agincourt, encontrado em Roma, no Aventino, há a figura de um cocheiro, em relêvo⁽²⁾. Algumas dessas imagens eram da deusa *Fortuna*, alegórica do uso do *loculus*.

Nos museus de Nápoles e Pompeios há exemplares de barro; alguns imitam cofres com a ferragem simulada em relêvo.

As *cistae*, representadas nas pinturas dos vasos gregos, são cilíndricas e eram feitas de vime, com tampa chata ou abaulada, ou de madeira; destinavam-se à guarda de jóias e objectos do *mundus muliebris*, e não à de dinheiro. Também as primeiras *cistae* romanas são de junco, giesta, ou caniço⁽³⁾, por terem sido applicadas de recipientes do campo, cilíndricos ou quadrados; e o nome applicou-se a caixas e cofrezinhos.

(1) Fea, *Osservazioni intorno alla celebre statua di Pompeo*, 1812, p. 12, n.º 5. Ver em Pierre Gusman, *Pompei*, dois «mealheiros» romanos de Pompeios semelhantes aos nossos, um esférico sem pé, outro com êle, — p. 233 (1906), existentes no museu de Pompeios.

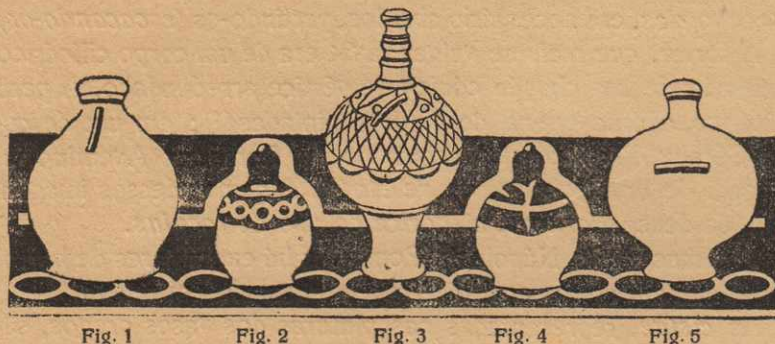
(2) Ser. d'Aginc., *Recueil de fragments de sculptures antiques en terre cuite*, p. 51, estampa XX, n.º 9.

(3) Plínio, *Hist. Naturalis*, XVI, 77 (10-12): «levissimae ex his [vitis, vitex, salix, tilia, betulla, sabucus, populus] vitex, salix ideoque utilissimae: omnes autem ad cistas quaeque flexili crate constant».

Cistae e *loculi* são nomes gerais dos *mealheiros*; foram móveis ou portáteis, e fixos, como caixas de oferendas. Estas caixas tinham tampa ou opérculo para se abrirem; eram de madeira, de barro, ou de mármore. Às vezes foram cavadas na pedra: uma encontrada em Vertault (departamento francês da Côte-d'Or) tem a forma de cadeira, de mármore, com a abertura ao centro, ladeada de duas figuras sentadas; uma delas mostra na mão direita uma bôlsa, o que talvez, como conjectura o Sr. Daguin, a identifique com *Aerecura*, guarda do dinheiro em depósito⁽¹⁾.

*
*
*

Os nossos *mealheiros* eram, pelo que fica exposto, da forma de *alcanzia*, ou seja esférica, e guardavam a *mealha*.



As *mealhas* sob o nome de *mealias*, *menalias* e *medalias*, aparecem já mencionadas em documentos dos séculos XI e XII⁽²⁾. Fernão Lopes, na *Chronica d'ElRey D. Fernando* (cap. 56), dá a perceber que a *mealha* não teve cunho próprio, mas Teixeira de Aragão afirma que teve⁽³⁾. Era moeda de bolhão e valia metade do *dinheiro*, também de bolhão; Fernão Lopes e, na peûgada, Severim de Faria, dizem que, para fazer moeda pequena, menor que o *dinheiro*, se cortava êste «pela ametade com huma

(1) *Mémoires de la Société des Antiquaires de France*, vol. LVII (1896) p. 334 e ss.

(2) A. Herculano, *Portugaliae Monumenta Histor.* «*Leges et Consuet.*» I, 361 (1125), 393 (1166), 743 (1145), etc.

(3) Teix. de Aragão, *Descripção Geral e Histor. das Moedas*. I, 146.

thesoura, ou com qualquer outro instrumento», o que dava o efeito desejado, por valer o *dinheiro* duas *mealhas*, ou *pogejas* (4).

Comprava-se com essa moeda «huma mealha de mostarda ou dalfelloa, ou de tramoços, e semelhantes coisas», na informação dos *Ineditos da Academia das Sciencias de Lisboa* (tomo IV, pg. 238).

No reinado de D. Manuel I, legalizou-se que duas *mealhas* valessem um *çeitil* (2), moeda de cobre de D. João I, em honra da cidade de *Ceita* (Ceuta) (3), que o Rei cunhou talvez no fim do seu reinado (4). Deixou de haver cunho de *dinheiros* e *mealhas*, no tempo de D. Fernando (5), e acabaram-se estas no reinado de D. Manuel (6), como os *ceitis* no de D. Sebastião provavelmente (7).

É esta moeda a que deixou o nome aos *mealheiros*. Não é a *mealha* que os enche hoje. Canta uma quadra, ouvida em Lisboa:

[Os] meus cinco-réis pretinhos,
Não os perdi nem nos dei;
Tenho-os na minha *caixa*,
Com êles te pagarei.

Só em vez de *mealheiro* está *caixa*, mas veremos que pode ser a mesma caixa, e é natural que o seja.

* * *

Os *mealheiros* ordinariamente são de barro, mas há-os de madeira, de fôlha, e de pedra, pelo menos em parte. Teem a forma de *alcanzia*, já citada, ou prismática em caixas. São fechados, e o dinheiro apenas se tira, partindo o *mealheiro* que é de barro, ou com o auxílio de uma lâmina, de faca por exemplo, que entre na ranhura e dê direcção às moedas. Ou são abertos, isto é, munidos de tampa e fecho de segurar.

(1) M. Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, t. II, p. 102-103, § XXXXV (1791).

(2) *Ordenações d'elrei D. Manuel*, liv. IV, tit. I (lei de 12-VI-1499).

(3) Severim de Faria, *op. cit.* II. p 59, § XXVII; Viterbo, *Elucidario*, s. v. «çeitil».

(4) T. Aragão, *op. cit.* I, 214.

(5) *Id.* I, 215.

(6) Viterbo, *loc. cit.*

(7) T. Aragão, *op. cit.* I, 287.

A forma esquemática dos *mealheiros* esféricos é de uma *alcanzia*, ou bola de barro, afeiçãoada superiormente em pega, inferiormente em pé ou base. «Nenhuma arte é mais popular», disse Joaquim de Vasconcelos da olaria ⁽¹⁾, «nenhuma se insinua mais hábilmente na habitação humana, nenhuma anda mais ligada à *vida íntima da família*; também nenhuma faz mais, com menos recursos». Por isso os *mealheiros* de barro entram em todas as casas, saem de todas as olarias, aparecem em todas as feiras, — uns grandes para uso real, outros pequenos para as crianças fazerem, nas suas casinhas de brincar, arremêdo e ensaio do que as mães fazem na vida doméstica.

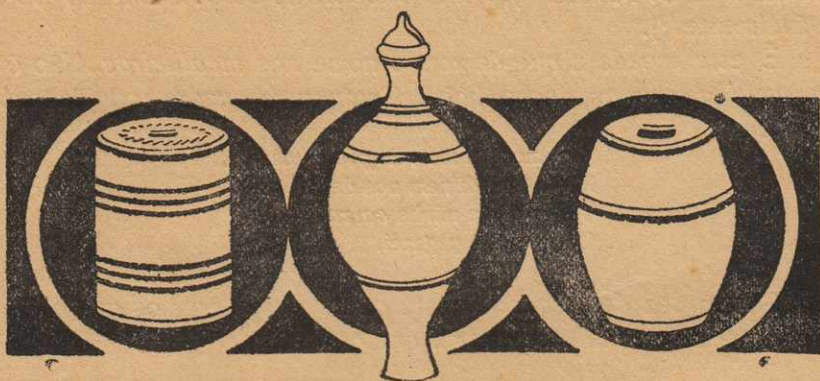


Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

«A eurythmia, a graça, a esvelteza do vasilhame nacional», que, no testemunho de Ramalho ⁽²⁾, manifestam no povo um «considerável poder de visão plastica e uma característica aptidão espontanea, para fazer palpitar em expressivas formas materiaes a sua especial maneira de sentir e interpretar a vida», — aparecem no *mealheiro*. Se os há lisos e simples, em geral a elegância lembra a de minúsculas ânforas, e são a miúde esmaltados com decorações a côr, ou pintados.

Dos mais toscos, mas em que surgem tipos modificados ou diferentes do cânon, são os de Loulé; na *figura 1* o barro é ondulado, afirma que nêle imitassem a forma velha; na *n.º 8*, é diferente: o corpo cupiforme do *mealheiro*, em vez de se

⁽¹⁾ Joaq. de Vasconcelos, in *Revista da Socied. de Instrução do Porto*, III, 382.

⁽²⁾ Ramalho Ortigão, in *Serões*, 2.ª Série, I, p. 8.

alçar, abate-se, e no fundo da depressão está a fenda. Mas dos do Prado ⁽¹⁾ até os oleiros de Loulé, nascem dos barrocais êsses cofrezinhos. Na *figura n.º 5* vê-se o protótipo dos de Lisboa, por ordem geral lisos, do barro pálido ou levemente rubro dos terrenos da capital. Se nos de Loulé a base dos *mealheiros* é o achatamento da *alcanzia*, no de Lisboa há um pé que liga lògicamente o bôjo com a base. As *figuras n.ºs 2 e 4* representam *mealheiros* de Mafra; se a forma condiz com a dos outros de Lisboa, a base é como nos de Loulé; os desenhos sobressaem do seu branco, mercê do vidrado que os esmalta; na *figura n.º 2*, vê-se uma cadeia de anéis, decoração inconsciente de outras eras, que em Portugal se observa nos estilos pre-romanos dos *castros* de Sabroso e de Briteiros; na *figura n.º 4*, o *mealheiro* tem uma simples ornamentação de faixas cruzadas.

O *mealheiro* da *figura n.º 3* é uma graciosa anforazinha, que tivesse o esvelto colo que nêle se vê: de Estremoz o tenho, terra de elegantes infusas, e de velhos barristas. É pintado garridamente. Nos traços azuis e vermelhos, aspejados na cinta do bôjo, e na linha vermelha de sanefa que lhe corre por baixo, lembra vestígios da decoração azul da louça do século XVIII, género do Rato imitado ali. A garridice e variedade de côres prende-se com essas louças pintadas de flores e traços, num barro colorido de vermelho, que em Estremoz se fez pelo mesmo século, com as faianças policrómicas, e as mobílias da região até Évora, ou tendo talvez, como hoje, Évora por centro. As mãos, de que saíram *mealheiros* como êste, souberam plasticizar e colorir «bonecos» de *presépio*; e até, pelas tintas empregadas, diria terem sido as da velha Gertrudes Rosa Marques, dos comventes «bonecos» de hoje em dia. Entre a base do «colo» e o friso do bôjo, branco sob os traços em rêde losângica, vê-se o desenho de três pontas de uma estrêla de seis, com o traçado certo do *signo-saimão* (*Signum Salomonis*) contra «maus olhados». O pé, acaba, com um sulco de união, no talho mais helénicamente correcto.

Na *figura n.º 7* está outro *mealheiro* de Estremoz, émulo na elegância simples, do seu conterrâneo aperaltado. É curioso observar o efeito decorativo dos dois sulcos no corpo ovoidal.

A *figura n.º 6* mostra um tipo comum em Lisboa. Cilíndrico,

(1) Rocha Peixoto, «As olarias do Prado», in *Portugalia*, I, 258.

de lata, não é despido de enfeites; tem duas faixas de três rugas, distanciadas com simetria, e a base superior, como se vê no cabeçalho ilustrado dêste estudo, adornou-se de uma corôa de arcozinhos virguliformes em relêvo, à roda da ranhura para entrar a moeda.

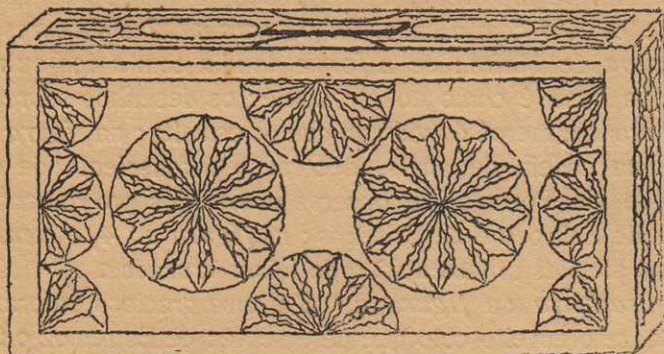


Fig. 9

Caixas-*mealheiros* há muitas e, como vimos, já os Romanos as tiveram. Ou são fechadas, ou tem tampa. Na *figura n.º 9* está um *mealheiro* de madeira com decorações tradicionais, feito em Lisboa pelos presos do Limoeiro, e de que pode examinar-se um exemplar igual na colecção etnográfica do Museu Etnológico Português. Da face superior para a inferior respectiva, e entre as laterais concorrentes, a meio do ângulo diedro que formam, bi-partem-se rosetas de braços cavados. Nos vértices dividem-se pelas tres faces rosetas semelhantes. No campo da face superior e das laterais há outras, de fólhos salientes, octogónicas. Esta decoração ⁽¹⁾, que os alegoristas atribuem exclusivamente a símbolo solar, e bem podem ser a par estilizações florais, mais simples, decorativas, compreensivas e apreensivas, figurou nas civilizações etrusca, egiense, micénica, aparece nos nossos castros, que os Romanos destruíram ou fizeram abandonar, mas não desregionalizaram no fundo étnico, quando se imiscuiram neles. Hoje vêmo-la por toda a parte, em comovente continuidade tradicional.

(1) Martins Sarmiento, in *Portugalia*, I, p. 8, fig. 9. Ver n' *O Archeologo Português*, I, p. 166 (Art.º de Felix Alves Pereira), XV p. 2, 3 (de Francisco M.º Alves) e 45 (de Tavares Proença J.º) etc. e Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, 607.

No fecho dêste meu estudo, acaba a série de ilustrações com o *mealheiro* religioso, de esmola para as *Alminhas*, que tem no espaldar; outros são para o óbulo do Santíssimo Sacramento, representado, concordantemente, pela Custódia, ou para a Virgem. Ou são portáteis para o peditório ambulante, e ora teem a forma prismática, ora são cilíndricos. Ou são fixos. Há-os de madeira e de lata. Em igrejas velhas, há-os incrustados no grosso da parede, e de pedra. Na igreja de Santiago de Estremoz, sob cuja porta se lê a data de 1701, encontra-se do lado do Evangelho uma lápide de mármore, na parede, com a legenda:

Carha
Dasalmas

A ranhura para meter a *mealha*, nos *mealheiros* de barro, é sôbre o bôjo, excepto em formas como a da *figura n.º 8*, em que está no fundo da depressão superior. A direcção do córte varia: — horizontal, *pêta*, em as *figuras n.ºs 2, 4, 5, 7*; — vertical na *n.º 1*; oblíqua na *n.º 3*. Nas caixas é por via de regra na parte superior (*figuras 6, 9, e última*), a não ser que o *mealheiro*, já de luxo, tenha na tampa desenhos e composições sem alegoria; porque nesse caso a ranhura é horizontal na tampa, mas na frente dela ou espelho, por cima da fechadura.

E são assim os *mealheiros* ou *pêtos* da boa terra e da boa gente de Portugal.

Lisboa, 9 de Maio de 1917.

LUÍS CHAVES.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

